

Os Objetivos Terroristas de Medo e Indignação

John A. Lynn II

© John A. Lynn II 2012

Este artigo foi originalmente publicado na edição *Spring 2012*, da revista *Parameters*.

NA MANHÃ DE 11 de Setembro de 2001, norte-americanos por todo o país testemunharam os atentados terroristas da Al Qaeda pelas imagens assustadoras que chocavam pelo massacre, aflição das vítimas e fúria direcionada aos perpetradores. Os radicais islamitas tiveram sucesso em lançar um golpe visceral. Embora a destruição tenha sido grande, mais uma vez ficou evidente que o poder da violência terrorista origina-se principalmente não dos prejuízos físicos que provoca, mas dos estados mentais que ela impõe. Essa percepção domina nossas definições de terrorismo, que geralmente enfatizam sua intenção de obter a vitória ao gerar medo. As reações estadunidenses ao 11 de Setembro, porém, mostram que precisamos reconhecer a importância de outra emoção — a indignação. Enquanto destaca o medo nos planos terroristas, este artigo sustenta que para entender as dinâmicas do terrorismo também devemos aceitar que seus ganhos mais importantes não decorrem do medo, e sim ao instigarem a indignação.

A reinterpretação oferecida nestas páginas se origina do ensino da história do terrorismo em universidades ao longo de quase uma década. Ela inicia reexaminando alguns pontos básicos — a definição, diversidade e dinâmicas do terrorismo — para facilitar o entendimento de como as ações realizadas relativamente por poucos

terroristas podem gerar indignação moral tão intensa. Tomando o exemplo da manipulação tática dessa indignação, o enfoque muda brevemente para os esforços do Exército Republicano Irlandês (IRA, na sigla em inglês) para provocar uma reação violenta e exagerada das tropas britânicas no Domingo Sangrento, em 1972, visando a beneficiar-se dos tiros letais disparados pelos soldados naquele dia. Na sequência, o artigo apresenta provas que apoiam a hipótese de que o propósito do 11 de Setembro foi similarmente provocativo e que a Al Qaeda teve êxito porque atraiu os Estados Unidos a uma guerra irrefletida contra o Iraque. Finalmente, o artigo arrisca a opinar que a guerra ocorreu não simplesmente devido à mentalidade do governo Bush, mas também devido à fúria insatisfeita do povo norte-americano. Contudo, da mesma forma que tantas jornadas, o valor maior dessa expedição intelectual não surge na chegada ao ponto final, mas no que revela ao longo do caminho.

O Terrorismo Definido em Termos do Medo

As definições comuns de terrorismo quase sempre enfatizam o medo. Bruce Hoffman, em seu *Inside Terrorism* (“Dentro do Terrorismo”, em tradução livre), exemplifica isso: “Podemos [...] definir o terrorismo como a premeditada criação e exploração do medo por meio da violência ou da ameaça de violência em busca de mudança política. [...] Tem o propósito de gerar medo, e portanto intimidar, um público-alvo considerável”¹. James M. Poland compartilha da mesma ênfase em

John Lynn leciona História Militar na Northwestern University. Ocupou também a cátedra de Estratégia da Guerra na Universidade do Corpo de Fuzileiros Navais (Marine Corps University), entre 1994 e 1995. Possui

vários artigos publicados sobre a guerra moderna na Europa e as instituições militares. Atualmente, dedica-se a concluir seu livro sobre a história do terrorismo.

seu conhecido livro *Understanding Terrorism* (“Entendendo o Terrorismo”, em tradução livre): “O terrorismo é a ameaça, confusão e a ação assassina premeditadas contra inocentes para criar medo e intimidação visando a obter uma vantagem política ou tática, geralmente para influenciar um determinado público-alvo”². As definições oficiais repetem essa fórmula; o *Department of Defense Dictionary of Military and Associated Terms* (“Dicionário de Termos Militares e Associados, do Departamento de Defesa”, em tradução livre), atualizado em 15 de fevereiro de 2012, define terrorismo como: “O uso ilícito da violência ou da sua ameaça para gerar medo e coagir governos e sociedades. O terrorismo é frequentemente motivado pelas crenças religiosas, políticas ou outras razões ideológicas e praticado na busca de objetivos que são geralmente políticos”³.

Sem negar a força coercitiva do medo, é essencial ainda perceber que, dentro do contexto das formas de terrorismo que mais preocupam os EUA hoje, a indignação pode ser a consequência mais importante desses atos. Os parâmetros deste artigo não permitem uma análise completa da complexa relação entre o medo e a indignação; certamente a mesma ação pode levar a qualquer uma dessas reações, e o medo pode ser um elemento que estimula a indignação. Talvez seja melhor considerá-los como polos opostos ao longo de uma sequência contínua de reação. Simplificando, o medo tem mais a ver com a paralisia do que com a afirmação, e as medidas promovidas por esta são principalmente protetoras e defensivas; o terrorista gera medo na esperança de compelir a conformidade. Fundamentalmente, todas as três definições consagradas do terrorismo acima listadas vinculam o medo com a intimidação. Em contraste, a indignação inspira a retaliação e, o que é mais importante, essa retaliação é considerada justa, como será argumentado mais adiante. Enquanto o medo é desconfortável, a indignação é, de alguma forma, sua própria recompensa, porque as ações incitadas por ela podem servir como um alívio emocional e moral.

Para aqueles que rapidamente acreditam que o objetivo principal dos terroristas é atingir

suas vítimas pelo medo, as represálias nascidas da indignação podem ser perigosamente sedutoras. Superficialmente, talvez pareça que os norte-americanos possam derrotar o inimigo terrorista simplesmente ao não expressarem o



Robert J. Fisch

O lado nordeste da torre sul do World Trade Center, logo após ela ser atingida por um avião.

medo. E qual forma seria melhor para demonstrar resistência ao invés de empregar palavras desafiantes ou ações agressivas? Entre as reações da sociedade norte-americana ao 11 de Setembro, a cultura popular assumiu uma correta valentia. Surgiu em forma de distintivos de lapela, cartazes e na música. Não é de estranhar que o ambiente tradicionalmente patriótico da música *country* destaca-se em particular. Toby Keith, autor de *Courtesy of the Red, White, and Blue* (“Cortesia do Vermelho, Branco e Azul”, em tradução livre), fazia ameaças:

“Hey, Uncle Sam put your name at the top of his list, And the Statue of Liberty started shaking her fist. And the eagle will fly and it’s gonna be hell, When you hear Mother Freedom start ringing her bell. And it’ll feel like the whole wide world is raining down on you.”

[Em tradução livre: “Olá, Tio Sam colocou seu nome no topo da lista, e a Estátua da Liberdade começou a sacudir os punhos. E a águia vai voar e será um inferno, quando

você ouvir a Mãe Liberdade soar seu sino. E será como se o mundo inteiro estivesse caindo em cima de você.”

Em *Have You Forgotten* (“Você esqueceu”, em tradução livre), Darryl Worley declara: “*Some say this country’s just out looking for a fight, Well, after 9/11 man I’d have to say that’s right.*” [Em tradução livre: “Alguns pensam que este país sempre busca uma briga. Realmente, depois do 11 de Setembro, devo dizer que estão certos.”]

O coro exigindo respostas à altura também pôde ser ouvido bem longe de Nashville. Neil Young, um símbolo da contracultura que rejeitou o envolvimento norte-americano no Vietnã, expressou em *Let’s Roll* (“Vamos Rolar”, em tradução livre):

“You’ve got to turn on evil, When it’s coming after you, You’ve gotta face it down, And when it tries to hide, You’ve gotta go in after it, And never be denied.”

[Em tradução livre: “Você tem de se virar contra o mal. Quando ele buscá-lo, você precisa enfrentá-lo e, quando ele tentar se esconder, você tem de persegui-lo e nunca ceder.”]

A vingança defendida não era para ser um “prato servido frio”, e sim um disparo decorrente do calor gerado pela indignação. Depois do 11 de Setembro, o desejo norte-americano pela vingança foi certamente compreensível e completamente coerente com as teorias da psicologia social que enfatizam o apelo do “nós contra eles”, em tempos de desafio extremo⁴. Não obstante, a retaliação impulsiva pode ser autodestrutiva, e terroristas experientes não apenas sabem, mas contam com isso.

A Diversidade e a Unidade do Terrorismo

O entendimento dos papéis relativos do medo e da indignação requer que sejam considerados três



Marinha dos EUA, Sgt. Michael W. Pendergrass

Um caminhão entrega madeira para reforçar as partes debilitadas do Pentágono após o ataque do 11 de Setembro. Nesta seção, o impacto destruiu ou danificou quatro dos cinco anéis que compõem o edifício.

fundamentos do terrorismo: a grande variedade de suas formas; o contraste das dinâmicas dos pontos fortes e fracos dentro dessa diversidade; e a definição da transgressão moral que proporciona unidade a muitas crenças sobre o terrorismo.

Como um “câncer”, o termo “terrorismo” é abrangente para um número de doenças relacionadas, mas ainda assim distintas. Nas aulas universitárias sobre a história do terrorismo, este autor diferencia ao menos dezesseis categorias gerais do terrorismo⁵. Essas incluem formas diversas, tais como:

- Táticas empregadas por regimes para intimidar suas próprias populações.
- Abusos cometidos por populações étnicas majoritárias contra minorias vulneráveis para subjugar e afugentá-las.
- Estratégias de pequenos grupos radicais que atacam governos em nome de metas separatistas ou marxistas.
- Ataques perpetrados por grupos islâmicos milenários desejando humilhar os Estados Unidos e pôr em marcha um novo califado.

Ao enfatizar a considerável diversidade do terrorismo, esta abordagem vai de encontro às autoridades que advertem que as definições demasiadamente inclusivas de terrorismo se tornam inúteis⁶. Embora limitar os fenômenos incluídos sob a abrangência de terrorismo talvez seja necessário para fins legais e diplomáticos, uma abordagem mais ampla facilita o entendimento.

Algumas formas de terrorismo são ações dos fortes contra os fracos, enquanto outras revertem essa relação, mudando as metas e o impacto dos seus atos. A maioria dos livros acadêmicos esclarece os leitores que a palavra “terror” teve seu primeiro aparecimento político como o “Reino do Terror” durante o auge da Revolução Francesa, quando o terror foi utilizado para compelir a conformidade com uma visão particular da virtude revolucionária. Maximilien de Robespierre explicou: “Se a mola mestra de um governo popular em tempos de paz é a virtude, o suporte de um governo popular em uma revolução consiste na aplicação da virtude e do terror: virtude, sem a qual o terror é desastroso; terror, sem o qual a virtude é ineficaz”⁷.

Stalin empregou esse tipo de terror em larga escala para silenciar a oposição durante seus expurgos. Quando o Estado aterroriza seu próprio povo, a dinâmica é a do forte contra o fraco, e a meta desse terror é, de fato, fomentar a obediência pelo medo.

As ações da Al Qaeda contra os Estados Unidos, porém, representam um tipo de terrorismo muito diferente, ou seja, o do fraco contra o forte. Pequena em número e limitada em recursos, a Al Qaeda e seus afiliados golpearam a maior potência do mundo. Quando a Inteligência contraterrorista descobre os integrantes e os recursos de grupos terroristas, em geral é surpreendente como tão poucos indivíduos são na realidade tão engajados na violência. As estimativas relativas às Brigadas Vermelhas na Itália e à Fação do Exército Vermelho na Alemanha durante os anos 70, por exemplo, revelam apenas um punhado de radicais que fazem uso de armas e bombas⁸. Até mesmo terroristas isolados podem criar muito prejuízo. Como discutiremos, os ataques terroristas pelo fraco objetivam frequentemente fortalecer o movimento tanto quanto, ou mais, se destinam a afetar o inimigo.

Os ataques terroristas pelo fraco objetivam frequentemente fortalecer o movimento tanto quanto, ou mais, se destinam a afetar o inimigo.

Um desafio, e uma recompensa, na aceitação de uma variedade de terrorismo é a busca e a identificação de uma definição única dentro dessa diversidade. Essa unidade não pode ser encontrada com base em suas causas ou metas, mas ela existe na moralidade de seus métodos, que, do ponto de vista da vítima, se posiciona fora do universo ético da guerra “apropriada”. A guerra é supostamente uma competição entre dois ou mais partidos armados, todos capazes de promover a morte e a destruição do outro. Em tal conflito, atos de violência são legítimos como recursos de autodefesa. No senso mais básico, é matar ou morrer. Contudo, o terrorismo visa àqueles

incapazes ou despreparados para defender-se. Algumas autoridades no assunto expressam essa verdade, defendem que terroristas atacam civis, não tropas militares. No entanto, isso é restritivo demais, já que os Fuzileiros Navais [dos EUA] em suas instalações militares em Beirute ou militares da Força Aérea norte-americana nas Torres Khobar também merecem ser considerados vítimas do terrorismo.

O terrorismo pode ser considerado um estágio inicial da guerra, exigindo até menos recursos e combatentes do que uma campanha de guerrilha.

Em vez de ganhar elogios pelos atos de valor em combate, ataques contra indefesos são condenados como assassinato. Aqui está a unidade do terrorismo, e essa unidade inspira a indignação moral que nos preocupa neste artigo. O emprego constante da palavra “mal” pelo governo Bush para descrever o 11 de Setembro exemplifica essa indignação; entre setembro de 2001 e março de 2002, o Presidente se referiu explicitamente ao mal 199 vezes em palestras sobre política externa⁹. Ele ressaltou diretamente: “Osama bin Laden é um homem mau. Seu coração foi tão corrompido que ele está disposto a eliminar inocentes. E lutamos e continuaremos a lutar contra o mal, e não vamos parar enquanto não o derrotarmos”¹⁰.

Transformando Terroristas Fracos em mais Fortes

Os terroristas que tanto têm perturbado o mundo desde os anos 60, tão diferentes quanto o nacionalista IRA e o islâmico Al Qaeda, promovem o terrorismo do fraco contra o forte buscando instigar a ira de suas vítimas para mobilizar mais defensores às suas causas. Eles têm sido capazes de conduzir o que Daniel Fromkin identifica como “um tipo de *jiu-jítsu*”, o “talento” que consiste em “usar os pontos fortes de um oponente contra ele mesmo”¹¹. O referido autor destaca como “a forma para multiplicar o número, recursos e

poder do terrorismo fundamenta-se em provocar a indignação do adversário para que ele use sua própria força para fazer algo que é essencialmente autodestrutivo”. Se bem-sucedidos, os terroristas transformarão seus adversários em agentes da vontade dos terroristas.

Esse *jiu-jítsu* resulta de outro fundamento do terrorismo: é um teatro político que se apresenta a vários públicos. Um problema com as várias definições do terrorismo, como as três apresentadas anteriormente, é que são escritas por e direcionada para as audiências das vítimas. Os terroristas também acenam àqueles cujo apoio já recebem ou esperam conquistar¹². Caso os terroristas recrutem os não comprometidos, eles podem elevar o conflito a um nível mais alto e intenso. O terrorismo pode ser considerado um estágio inicial da guerra, exigindo até menos recursos e combatentes do que uma campanha de guerrilha. À medida que os terroristas conseguem expandir sua luta, eles necessitam aumentar seus recursos. No caso dos terroristas com base nacional, isso pode permiti-los avançar para uma insurgência total e, no final, a uma etapa convencional triunfante, como descrita por Mao Tse-tung. Ariel Merari, chefe do Centro de Violência Política da Universidade de Tel Aviv, resume: “Pode-se dizer que todos os grupos terroristas querem ser guerrilhas quando crescerem”¹³. No caso de um terrorista com um horizonte global, mais recursos oferecem um alcance mais amplo.

O IRA, ou, mais precisamente, o IRA Provisório ou Provos, aplicou esse sangrento *jiu-jítsu* terrorista na Irlanda do Norte. Considerado o evento mais simbólico de “Os Problemas”: O Domingo Sangrento, 30 de janeiro de 1972, quando tropas britânicas dispararam contra manifestantes de direitos civis desarmados em Derry, matando treze e ferindo um número equivalente. Esse evento foi precedido por uma longa campanha de ataques promovida pelos Provos contra o Exército britânico em Derry. Entre agosto e meados de dezembro de 1971, o IRA disparou quase 2.000 tiros contra tropas britânicas, matando sete soldados¹⁴. Um de seus ex-integrantes, Sean O’Hara, explicou a calejada estratégia de provocação:

As coisas sempre foram manipuladas, sempre. Em 1971 [...] por seis semanas ou possivelmente dois meses, promovemos agitações em todas as noites, jogando coquetéis, bombas de pregos, incitamos, realmente buscamos pressionar o Exército [...] Mas sabíamos que a situação iria evoluir, certo? Se os provocássemos o suficiente, se os atacássemos o suficiente, em algum momento a reação não seria apenas contra nós e sim também contra o povo.[...] Havia uma diferença entre alguém sendo baleado em um conflito armado [entre duas forças] e um inocente ser atingido nas ruas. E sabíamos que essa situação iria acabar ocorrendo, intensificando assim o conflito. Que eles

iriam disparar contra civis, nós sabíamos disso. E agitamos e agitamos até chegarmos a essa situação.

Tínhamos que incitar a violência a um novo nível, certo? E a única maneira que podíamos fazer isso era provocando-os a causar a indignação, disparar contra civis inocentes. E isso era inevitável, porque se você está na rua enquanto distúrbios estão ocorrendo, com algumas pessoas jogando pedras e bombas, no final do dia eles vão acabar retaliando. E assim que eles acertarem alguém, você chora e protesta, 'estão disparando contra inocentes'. Que neste caso era verdade, mas a situação foi planejada¹⁵.



Sean Mack

Faixa e cruzes carregadas pelas famílias das vítimas do Domingo Sangrento durante a marcha anual comemorativa.



Um afegão é questionado por um soldado do Exército Nacional Afegão em Shoshorack, Afeganistão, durante a Operação *Watch Tower II*, 23 Mar 11. O objetivo da operação era evacuar a área para negar ao Talibã a capacidade de usá-la como área segura para planejar ataques.

Os Provos tinham poucos integrantes e para “incitar a violência a um novo nível”, O’Hara explica, “[eles] precisavam que a situação fosse inteiramente intensificada. A ação sempre foi planejada”. E os Provos tiveram êxito. Um de seus chefes testemunhou: “O Domingo Sangrento foi um ponto decisivo. Qualquer chance de uma mudança lenta, por meios constitucionais, havia desaparecido. O recrutamento no IRA disparou como resultado. Eventos daquele dia provavelmente levaram mais nacionalistas a se juntarem aos Provisórios do que qualquer outra ação dos britânicos”¹⁶. Um militante definiu: “Foi apenas no Domingo Sangrento que eu pensei[...] temos de enfrentar a violência com a violência aqui, mesmo se eu for morto nas ruas. O Domingo Sangrento foi um[...] momento decisivo para o IRA porque, depois daquele evento, eles haviam conquistado a legitimidade. Antes do Domingo Sangrento eles não tinham nada”¹⁷.

Al Qaeda, Afeganistão e Iraque

A interação dos terroristas com seus vários públicos é certamente relevante na análise do terrorismo que mais preocupa os norte-americanos hoje — o de extremistas islâmicos dirigido contra os Estados Unidos — com destaque os acontecimentos de 11 de Setembro.

Em 1996 e 1998, Osama bin Laden lançou um apelo para atacar os Estados Unidos porque eles apoiavam Israel contra os palestinos, posicionavam tropas dentro do território sagrado da Arábia Saudita e conduziam uma campanha planejada para humilhar e matar muçulmanos. Na narrativa de bin Laden, os Estados Unidos estavam engajados em uma guerra contra o Islã¹⁸. Em conformidade com essa narrativa, aceita pela comunidade muçulmana, a *Ummah*, os ataques da Al Qaeda seriam justificados, ou até imperativos morais, porque o jihad é necessário na defesa do Islã. Para angariar apoio para a Al Qaeda e suas

metas, bin Laden tinha de conquistar a simpatia dos insatisfeitos no âmbito dos muçulmanos.

Bin Laden planejou os atentados de 11 de Setembro para promover sua narrativa e angariar apoiadores para o extremismo islâmico ao provocar represálias por parte dos EUA? A invasão do Afeganistão e a mais recente invasão do Iraque constituíram um “Domingo Sangrento” norte-americano? As respostas a essas perguntas continuam a ser objeto de discussão. Na obra mais recente dedicada à guerra contra o terrorismo, o livro *The Longest War: The Enduring Conflict between America and al-Qaeda* (“A Guerra Mais Longa: O Conflito Contínuo entre os Estados Unidos e a Al Qaeda”, em tradução livre), de 2011, o autor Peter Bergen descarta qualquer possibilidade de que bin Laden tentava usar a *jiu-jítsu* terrorista contra os EUA¹⁹. Bergen insiste que bin Laden estava convencido de que os EUA estavam tão enfraquecidos que os atentados de 11 de Setembro serviriam como um “Falcão Negro em Perigo”, induzindo os norte-americanos a pararem de se intrometer nos assuntos do Oriente Médio, da mesma forma que nos retiramos da Somália.

Contudo, em *The Longest War*, Bergen apresenta poucas provas concretas, ou nenhuma, para justificar sua posição, mesmo diante de evidências importantes que demonstram o contrário. Em uma entrevista de 1996, conduzida pelo jornalista Abdule Bari Atwan em Tora Bora [no Afeganistão], bin Laden afirmou: “Queremos trazer os norte-americanos para lutar em terras muçulmanas. Se pudermos lutar em nossa própria terra, nós os derrotaremos, porque a batalha será de acordo com as nossas condições, em uma terra que eles não conhecem e nem entendem”²⁰. Ao discutir o ataque de outubro de 2000 contra o U.S.S. Cole, o *9/11 Commission Report* (“O Relatório da Comissão de 11 de Setembro”, em tradução livre) referia sobre a evidência de que bin Laden esperava e desejava uma retaliação estadunidense. O relatório concluiu: “Segundo a fonte, bin Laden queria que os Estados Unidos atacassem, e se isso não acontecesse, ele lançaria algo ainda maior”²¹. Ahmed Zaidan, um correspondente paquistanês da *Al Jazeera*, conversou com Mohammed Atef,

um tenente de bin Laden, em fevereiro de 2001, oportunidade em que ele descreveu a estratégia da Al Qaeda:

Ele estava me explicando o que iria ocorrer nos próximos cinco anos.... Existem dois ou três lugares no mundo que [são] os mais apropriados para lutar contra os norte-americanos: Afeganistão, Iraque e Somália. Nós esperamos que os Estados Unidos invadam o Afeganistão. E estamos nos preparando para isso. Queremos que eles venham para o Afeganistão”²².

Além disso, a noção de que uma forte represália norte-americana não estava em consideração, parece ser contrária aos relatórios de Bergen, que, em 2000, os Estados Unidos advertiram o Talibã sobre as severas consequências para o Afeganistão no caso de mais um ataque da Al Qaeda. Um alerta que o Talibã levou tão a sério que seu chefe, Mulá Omar, até pediu que bin Laden deixasse o Afeganistão²³. Diante desses fatos, é impossível descartar a grande possibilidade vislumbrada por bin Laden de que os Estados Unidos iriam se atolar no Afeganistão, da mesma forma que os russos. Um homem como bin Laden não podia deixar de confiar na história da jihad antirusso, 1977-88, e na intervenção do Alá.

Cabe reconhecer que ainda não se chegou a uma conclusão sobre esse assunto. Talvez os documentos encontrados no refúgio de bin Laden em Abbottabad elucidem a questão. Mesmo que Bergen esteja certo ao insistir que bin Laden avaliou erroneamente as represálias que o 11 de Setembro poderia provocar, esse fato, por si só, não invalidaria a importância do papel da indignação nos eventos que se seguiram. Embora os terroristas perspicazes levem em consideração a natureza provocativa de seus atos, são as circunstâncias e não as intenções que determinam o grau de desejo de vingança pela intervenção. E, como Clausewitz adverte, as consequências da ação violenta na guerra desafiam a exata previsão.

Em retrospecto, o compromisso estadunidense com a queda do Talibã no Afeganistão depois do 11 de Setembro parece tão inevitável quanto justificado. No entanto, a invasão do Iraque em

2003 não era inevitável nem provavelmente necessária, e com certeza foi mal concebida e planejada, pelo menos além da derrota das forças regulares de Saddam Hussein. Não é minha intenção sugerir aqui uma teoria sobre a razão pela qual o governo Bush pressionou pela guerra, mas é relevante refletir sobre o grau em que a indignação popular norte-americana facilitou a entrada na guerra. Francamente, pode-se aceitar que muitos norte-americanos apoiaram o argumento do governo para a invasão do Iraque porque queriam lançar-se contra alguém. Os Estados Unidos tinham derrubado o Talibã no Afeganistão, mas não conseguiram eliminar bin Laden. O Presidente estava em sintonia com a maioria da população quando ofereceu ao povo norte-americano uma outra forma de dar vazão à sua raiva, conforme exibida na cultura popular pós-11 de Setembro nas canções citadas anteriormente.

A alegação do Presidente de que Saddam Hussein estava vinculado aos atentados do 11 de Setembro era o que os norte-americanos queriam ouvir; uma pesquisa de opinião da *Time/CNN*, de 13 de setembro de 2001, mostrou surpreendentemente que 78% dos entrevistados suspeitavam que Saddam fora responsável, de alguma forma, pelo 11 de Setembro²⁴. Em março de 2003, o entusiasmo inicial para a guerra era forte, 72% a favor e apenas 22% contra²⁵. De fato, isso correlaciona com a crença contínua de que o ditador iraquiano era responsável pelos ataques contra o World Trade Center e o Pentágono. Uma pesquisa de opinião do *Washington Post* publicada em 6 de setembro de 2003 indicava que 69% dos entrevistados acreditavam que era “provável que, no mínimo, Hussein estivesse envolvido”²⁶. Os norte-americanos estavam determinados a vingar-se de bin Laden, e Saddam parecia ser um substituto conveniente.

Ao que se revelou, a invasão do Iraque e a ocupação armada que se seguiu favoreceram a Al Qaeda até 2006. O International Institute for Strategic Studies reportou, em 2004, que a invasão do Iraque provou ser uma grande vantagem para o recrutamento e a arrecadação de fundos para a Al Qaeda²⁷. As ações estadunidenses proporcionaram

ferramentas de recrutamento, entre elas o tratamento inaceitável de detidos [na prisão] de Abu Ghraib, um escândalo que começou a surgir no início de 2004. Os problemas em Fallujah, desde os disparos contra manifestantes civis em abril de 2003 até a primeira grande ofensiva norte-americana naquela cidade, acabou alienando a comunidade sunita. O General de Divisão Sanchez, então comandante norte-americano no Iraque, considerou a ofensiva um marco decisivo e crítico: “Dizer que a ofensiva em Fallujah enfureceu os muçulmanos sunitas do Iraque seria uma subestimação grosseira. [...] [O] triângulo sunita explodiu em violência”²⁸. Em setembro de 2004, o diplomata britânico Ivor Roberts, sem rodeios, acusou o Presidente Bush de ser “o melhor sargento de recrutamento de todos os tempos para a Al Qaeda”²⁹. O difícil combate em Fallujah, mais uma vez, em novembro de 2004, adicionou mais apoio à Al Qaeda.

A Opinião e Radicalização dos Muçulmanos

Em um sentido mais amplo, as ações norte-americanas no Afeganistão e no Iraque serviram para apoiar a narrativa da Al Qaeda de uma guerra ocidental contra o Islã. Acadêmicos de terrorismo no Oriente Médio, como Mary Habeck em seu livro *Know the Enemy* (“Conhecer o Inimigo”, em tradução livre), enfatizam os argumentos de jihadistas modernos, que podem remontar-se, no mínimo, aos textos do século XIII de Taqi ad-Din Ahmad ibn Taymiyyah³⁰. Habeck e outros defendem que os ativistas islamitas querem um retorno ao fundamentalismo islâmico, desaprovam a democracia porque ela substitui a lei divina da Sharia pelas leis profanas do homem e acreditam que o Ocidente está travando uma guerra contra o Islã.

Felizmente, a opinião muçulmana se diferencia das convicções islâmicas de uma forma importante, como demonstrada por John L. Esposito e Dalia Mogahed em seu *Who Speaks for Islam* (“Quem Fala em Nome do Islã”, em tradução livre), que se baseia em dados de extensas pesquisas de opinião conduzidas pelo Instituto Gallup a respeito da comunidade islâmica ao redor do mundo. Por

exemplo, as atitudes populares são muito mais favoráveis à democracia, aos direitos humanos e mais oportunidades para as mulheres³¹. Os eventos da Primavera Árabe reforçam esses resultados. Não obstante, os dados da pesquisa de opinião são preocupantes em relação às percepções dos muçulmanos a respeito do preconceito ocidental. Quando perguntados sobre o que mais se ressentiam do Ocidente, os entrevistados colocaram os seguintes fatores no topo de sua lista:

- promiscuidade sexual e cultural;
- corrupção ética e moral; e
- ódio contra os muçulmanos³².

Esposito e Mogahed também relatam um exemplo bem menos científico, como os comentários de um motorista de minivan da cidade do Cairo: “Os Estados Unidos odeiam o Islã; olhe o que fizeram ao Iraque”³³. A noção de uma guerra ocidental liderada pelos EUA contra o Islã ressoa entre os muçulmanos.

Em seus estudos sobre o moderno terrorismo islâmico, o conceituado acadêmico Marc Sageman também enfatiza a importância da crença de que o Ocidente está atacando o Islã. Ele define “radicalização” como o “processo de transformar indivíduos não excepcionais e simples em terroristas desejosos de empregar a violência com fins políticos”. Esse processo inclui quatro focos. Os dois primeiros representam um sentido de indignação moral em relação aos crimes contra muçulmanos ao redor do mundo e a crença que essa transgressão moral é parte de uma guerra maior contra o Islã³⁴. O terceiro recai nas crenças, com base na experiência pessoal, que inclui o que se aprende da observação, conversa diária e das notícias. Portanto, quando os Estados Unidos fornecem provas que a comunidade muçulmana interpreta como uma demonstração da existência de uma guerra contra o Islã, acabamos ajudando o processo de radicalização.

As pesquisas de opinião e as investigações apresentadas por Esposito, Mogahed e Sageman levam uma pessoa a questionar até que ponto a teologia e teoria islâmicas são centrais ao terrorismo islâmico. Parece que o que mais importa é a forte convicção de que muçulmanos têm sido tratados injustamente no mundo inteiro ou em

países específicos. Sageman conclui que agentes jihadistas no Ocidente “não eram intelectuais ou ideólogos, muito menos acadêmicos religiosos. “A questão não recai no que eles pensam, mas como eles se sentem”³⁵.

Os estudos conduzidos por Robert Pape sobre ataques suicidas contribuem ainda mais para essa conclusão. Seu trabalho indica que tais atos extremos de terror decorrem da resistência à ocupação de terras muçulmanas em vez da propagação do extremismo religioso. Pape argumenta: “Mais de 95% de todos os ataques suicidas são uma resposta à ocupação estrangeira, segundo pesquisas que conduzimos no Projeto de Segurança e Terrorismo (*Project on Security and Terrorism*) da University of Chicago, onde analisamos mais de 2.200 ataques suicidas em todo o mundo, desde 1980 até o dia atual”. Ele conclui afirmando que “as ocupações no mundo muçulmano não fazem os norte-americanos mais seguros — na realidade, são o cerne do problema”³⁶. Deve-se reconhecer que as ocupações de países muçulmanos específicos também alimentam a narrativa de uma guerra global contra o Islã.

A Necessidade de Fazer Algo e Seu Custo

Embora hoje exista uma boa razão para questionarmos a sensatez de nossa invasão do Iraque, também estamos longe da certeza de que as coisas teriam sido muito diferentes se os conselhos dos mais sábios tivessem recebido mais atenção. Este artigo formula a hipótese de que a indignação, que insiste na retaliação agressiva, demandava que fizéssemos algo, talvez qualquer coisa, para obter a sedutora satisfação de que os Estados Unidos tinham punido os terroristas por seus pecados. Nossos ataques visando o Talibã e, especialmente, o regime de Saddam Hussein, no final acabou alimentando a narrativa islâmica, fortalecendo os sentimentos de violação que serviam para radicalizar jihadistas. O medo, a reação decorrente do terrorismo para a maioria dos estudiosos, certamente foi responsável por muitas das ações nos Estados Unidos pós-11 de Setembro, como o rigor da segurança nos aeroportos e a aprovação, em 2001, da Lei Patriota dos EUA (*USA Patriot*

Act — Unificando e Fortalecendo os EUA ao Proporcionar as Ferramentas Necessárias para Interceptar e Obstruir o Terrorismo). No entanto, é a indignação que exerceu o papel mais importante no desenvolvimento das ações norte-americanas no exterior.

Uma vez engajada, a violência nascida da indignação tem um jeito de se perpetuar pela lógica da perda. Na história militar, a influência das baixas e o custo operam diferentemente com o decorrer do tempo. No início, as baixas justificam mais investimentos. Abraham Lincoln expressou isso eloquentemente no Discurso de Gettysburg: “Cumpre-nos a nós os presentes, dedicarmo-nos à importante tarefa que temos pela frente — que estes honrados mortos nos inspirem maior devoção à causa pela qual deram a última medida transbordante de devoção — que todos nós aqui solenemente presentes admitamos que esses homens não morreram em vão.” Com menos eloquência, mas com equivalente sinceridade, o Presidente George W. Bush dirigiu-se a veteranos em Salt Lake City, em 2004, com respeito à guerra em progresso no Iraque: “Devemos-lhes algo. Terminaremos a tarefa pela qual sacrificaram suas vidas”³⁷. Apenas o tempo e a percepção de que perdas adicionais somente acrescentarão mais vidas ao custo, em vez de proporcionar significado, farão o atrito desgastar a vontade de lutar. A indignação e a raiva diminuem, o medo e a exaustão ocupam seus lugares.

Este artigo não busca criticar o passado, mas serve de tentativa de se tirar dele uma orientação para o futuro. Como discutido aqui, o terrorismo

engloba várias categorias de violência e intimidação, não simplesmente os ataques islâmicos radicais que nos preocupam tanto agora. As várias faces do terrorismo incluem ações pelo forte dirigidas contra o fraco e pelo fraco contra o forte, e este contraste de dinâmicas pode gerar concepções errôneas relacionadas com os objetivos dos terroristas de instigar medo e incitar a indignação. Aqueles que querem derrotar o terrorismo, mas estão confusos sobre suas dinâmicas e objetivos, correm o risco de despejar gasolina em vez de água nas centelhas ameaçadoras. Tais precauções importam muito, porque o terrorismo se constitui na forma de guerra com o limiar mais baixo e mais facilmente atravessado; portanto, é o gênio maléfico que não voltará rapidamente à lâmpada quando é tão frequentemente convocado para servir a tal grande variedade de causas. Dentro dessa variedade, quando terroristas, que são fracos em número e em recursos, querem aumentar seu alcance ou expandir sua luta, eles certamente engajarão em atos de terrorismo calculados para provocar a retaliação autodestrutiva do forte. O terrorista experiente reconhece que a indignação de suas vítimas lhe oferece a alavanca necessária para desequilibrar seus inimigos. Esse alerta deve ser levado a sério pelas Forças Armadas, mas também precisa ser ouvido pelos estrategistas e sociedades, tão desejosos de retaliar que acabam sendo persuadidos e dominados pelo próprio instinto, ao invés de ações calculadas. Ao combater o *jiu-jitsu* terrorista, a agilidade e a inteligência importam muito mais que os músculos.**MR**

REFERÊNCIAS

1. HOFFMAN, Bruce. *Inside Terrorism*, edição revisada e atualizada (New York: Columbia University Press, 2006), p. 40.

2. POLAND, James M. *Understanding Terrorism: Groups, Strategies, and Responses* (Englewood Cliffs, NJ: 1988), p. 11.

3. U.S. Joint Chiefs of Staff, *Department of Defense Dictionary of Military and Associated Terms*, Joint Publication 1-02 (Washington, DC: U.S. Joint Chiefs of Staff, 8 Nov. 2010) (Como emendado até 15 fev. 2012), p. 332.

4. Consulte obras sobre a teoria de gerenciamento de terror, em particular PYSZCZYNSKI, Tom; SOLOMAN, Sheldon; e GREENBERG, Jeff. *In the Wake of 9/11: The Psychology of Terror* (Washington, DC: American Psychological Association (APA), 2003).

5. No meu livro *Battle: A History of Combat and Culture*, a edição

revisada e atualizada (Boulder, CO: Westview Press, 2004), p. 328, eu apresento uma tabela dessas várias formas do terrorismo. Isso foi revisado muito ao longo do tempo.

6. MERARI, Ariel. “Terrorism as a Strategy of Insurgency,” em *The History of Terrorism from Antiquity to al Qaeda*, ed. Gérard Chaliand e Arnaud Blin, trad. Edward Schneider, Kathryn Pulver e Jesse Browner (Berkeley: University of California Press, 2007), p. 16.

7. Robespierre em LAW, Randall D. *Terrorism: A History* (Cambridge, UK: Polity Press, 2009), p. 63.

8. MOSS, David. *The Politics of Left-Wing Violence in Italy, 1969-85* (New York: St. Martin's Press, 1989); AUST, Stefan e BELL, Anthea. *Baader-Meinhof: The Inside Story of the RAF*, trad. Anthea Bell (London: The Bodley

Head / Random House, 2008).

9. BLACK, Amy E. "With God on Our Side: Religion in George W. Bush's Foreign Policy Speeches", documento apresentado na reunião anual da American Political Science Association; Chicago, Illinois, 2-5 set. 2004, p. 11.

10. A declaração de George W. de 2 de novembro de 2001, citada em BLACK, "With God on Our Side," p. 11.

11. FROMKIN, Daniel. "The Strategy of Terrorism", *Foreign Affairs* 53, no. 4 (July 1975): p. 688.

12. KYDD, Andrew H.; WALTER, Barbara F. "The Strategies of Terrorism", *International Security* 31, no. 1 (Summer 2006): p. 49-79, oferece uma análise muito útil dos fins de ataques terroristas em relação aos públicos diferentes.

13. MERARI, "Terrorism as a Strategy of Insurgency", p. 45.

14. TAYLOR, Peter. *Brits: The War against the IRA* (London: Bloomsbury Publishing PLC, 2001), p. 84.

15. Sean O'Hara citado em ALONSO, Rogelio. *The IRA and Armed Struggle* (London: Routledge, 2007), p. 76.

16. ENGLISH, Richard. *Armed Struggle: The History of the IRA* (Oxford: Oxford University Press, 2003), p. 151.

17. FOSTER, Roy. "This Bloody Sunday verdict is a milestone in Northern Ireland's path to peace", citado em MCDONALD, Henry; BOWCOTT, Owen; e MULHOLLAND, Hélène. "Bloody Sunday: Soldiers may face prosecution over 'unjustifiable' killings", *The Guardian*, 15 Jun. 2010. Ênfase é minha.

18. LADEN, Osama Bin. "Text of Fatwah Urging Jihad Against Americans", *World Islamic Front Statement*, 23 Feb. 1998. Consulte também sua "Declaration of War against the Americans Occupying the Land of the Two Holy Places", 28 Aug. 1996. Os dois estão disponíveis em: <http://www.mideastweb.org/osamabinladen1.htm>.

19. BERGEN, Peter L. *The Longest War: The Enduring Conflict between America and al-Qaeda* (New York: Free Press, 2011), p. 59.

20. ATWAN, Abdul Bari. *The Secret History of al-Qaeda*, rev. ed. (Berkeley: University of California Press, 2008), p. 179.

21. National Commission on Terrorist Attacks, *The 9/11 Commission Report: Final Report of the National Commission on Terrorist Attacks Upon the United States* (New York: W. W. Norton, 2004), p. 191.

22. Ahmed Zaidan, correspondente Paquistanês para a Al Jazeera, no documentário de William Cran, "Jihad: The Men and Ideas Behind

al Qaeda", *PBS Documentary*, Abr 2007. Também consulte a declaração de Abdul Bari Atwan no artigo de JONES, Tony. "Bin Laden Wanted US to Invade Iraq, Author Says", disponível no site da Australian Broadcasting Corporation site: <http://www.abc.net.au/news/stories/2007/08/24/2013753.htm>, 24 Aug. 2007.

23. BERGEN, *The Longest War*, p. 6-8, p. 41.

24. MILBANK, Dana; DEANE, Claudia. "Hussein Link to 9/11 Lingers in Many Minds", *Washington Post*, 6 Sep. 2011.

25. Pew Reserch Center for the People & the Press, *Public Attitudes Toward the War in Iraq: 2003-2008*, 19 Mar. 2008. Disponível em: <http://pewresearch.org/pubs/770/iraq-war-five-year-anniversary>.

26. MILBANK e DEANE, "Hussein Link to 9/11".

27. International Institute for Strategic Studies (IISS), *Strategic Survey, 2003/4: An Evaluation and Forecast of World Affairs* (London: IISS, 2005), citado em KYDD e WALTER, "The Strategies of Terrorism", p. 63.

28. Lieutenant General Richardo Sanchez em BERGEN, *The Longest War*, p. 165.

29. ARIE, Sophie. "Al-Qaida Would Back Bush, Says U.K. Envoy". *The Guardian*, 20 Sep. 2004.

30. HABECK, Mary. *Knowing the Enemy: Jihadist Ideology and the War on Terror* (New Haven, CT: Yale University Press, 2006); BENJAMIN, Daniel; SIMON, Steven. *The Age of Sacred Terror: Radical Islam's War Against America* (New York: Random House, 2002).

31. ESPOSITO, John L.; MOGAHED, Dalia. *Who Speaks for Islam?: What a Billion Muslims Really Think* (New York: Gallup Press, 2007), p. 80.

32. *Ibid.*, p. 88.

33. *Ibid.*, p. 125.

34. SAGEMAN, Marc. *Leaderless Jihad: Terror Networks in the Twenty-First Century* (Philadelphia: University of California Press, 2008), p. viii.

35. *Ibid.*, p. 157.

36. PAPE, Robert. "It's the Occupation, Stupid!" *Foreign Policy website*, 18 Oct. 2010. Disponível em: http://www.foreignpolicy.com/articles/2010/10/18/it_s_the_occupation_stupid?hidecomments=yes; PAPE, Robert A.; FELDMAN, James K. *Cutting the Fuse: The Explosion of Global Suicide Terrorism & How to Stop It* (Chicago, IL: University of Chicago Press, 2010).

37. George W. Bush, citado em DOWD, Maureen. "My Private Idaho," *The New York Times*, 24 Aug. 2005.